



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 5, v. 1 maio-out. 2016
p. 32-40.

Com qual sexo se faz qual sexo se somos mil sexos

Miriam Chnaiderman¹

RESUMO: A partir da novela *Desde o fundo do poço se vê a lua*, de Joca R. Terron, a sexualidade aparece como algo relacionado com o cosmos e não se limita, seja ao feminino, seja ao masculino. Redimimos a humanidade do universo, de acordo com Viveiros de Castro, e jogamos com os corpos que passam a visualizar o invisível.

PALAVRAS-CHAVES: fantasia da vida; a fala; o sexo; o teatro; a transexualidade; o corpo; a roupa; a imaginação; a identidade; identificação; festa vegetal.

Abstract: The novel *Do fundo do poço se vê a lua* (From the bottom of the well you can see the moon), by Joca R. Terron, sexuality is presented as connected to the cosmos and as such, it is not limited to either femininity or masculinity. We redeem the humanity of the universe, following Viveiros de Castro, through the free play of bodies which renders the invisible visible.

Keywords: fantasy of life, speech, sex, theater, transexuality, body, clothing, imagination, identity, identification, vegetal party.

Resumén: A partir de la novela '*Desde o fundo do poço se vê a lua*' (Desde el fondo del pozo se ve la luna), de Joca R. Terron, la sexualidad aparece como algo relacionado con el cosmos y que no se limita sea a lo femenino o a lo masculino. Redimimos a la humanidad del universo, a partir de Viveiros de Castro, y jugamos con los cuerpos que pasan a visualizar lo invisible.

Palabras clave: fantasía de la vida, el habla, el sexo, el teatro, la transexualidad, el cuerpo, la ropa, la imaginación, la identidad, la identificación, la fiesta vegetal.

¹ Psicanalista ligada ao Departamento de Psicanálise do Sedes Sapientiae, mestre em Comunicação e Semiótica pela PUCSP, doutora em Artes pela Escola de Comunicações e Artes da USP. E-mail: chnaide@uol.com.br

Recebido em 05/04/16

Aceito em 20/06/16

Cleópatra e Richard Burton – infinitas metamorfoses

“Se eu sonhar que faço sexo com Richard Burton, ao acordar, a experiência do ato sexual permanecerá na lembrança com intensidade”.

“Posso supor que, se eu realmente fizesse sexo com Richard Burton (posso supor que Rich Burton não é Rich Burton, e sim Marco Antônio), bem, se eu pudesse mesmo fazê-lo, o que permaneceria na memória depois do sexo de fato não seria, assim como depois do despertar, apenas a lembrança do sexo? E de que maneira a lembrança do sexo sonhado e a lembrança do sexo verdadeiro poderiam ser diferentes?” (TERRON, 2010, p. 121).

Essas duas frases com as quais inicio esse ensaio são do romance *Do fundo do poço se vê a lua*, de Joca Reiners Terron. Mais uma vez a literatura ilumina nossos caminhos de psicanalistas buscando instrumentos para pensar o contemporâneo. Nessas duas frases, a dimensão fantasmática de sexualidade é colocada de forma luminosa. “*Se eu realmente fizesse sexo com Richard Burton*”... com quem realmente fazemos sexo? Com figuras de nossa vida fantasmática, certamente. Richard Burton pode ser seu personagem Marco Antônio, do filme *Cleópatra*. Todos nos tornamos personagens, animadxs e/ou inanimadxs quando somos parceirxs de parceirxs em encontros eróticos. Em nossa vida fantasmática existem seres fantásticos: pássaros, monstros, leões, tartarugas... Os contos de fadas falam de uma pornografia silenciosa que nos envolve e nos determina.

Já nas cenas finais do documentário *De gravata e unha vermelha*, que dirigi em 2014 (Chnaiderman, 2014) Ney Matogrosso afirma:

Eu pensei assim... É uma maneira que eu tenho de contestar. Então eu vou ser uma criatura que jamais viram. Eu não queria ser mulher. Mas eu não estava restrito ao espaço do homem porque eu criava uma figura tão completamente estranha que podia ser um inseto, podia ser um pássaro, podia ser um, não sei, porque eu usava tudo, eu tinha osso em cima de mim, eu tinha pena em cima de mim, eu tinha bico de passarinho, eu tinha chifre no meio da testa, porque cada dia eu ia “pirando”, ia fazendo uma coisa diferente. E quando eu percebia que as pessoas iam ficando chocadas, eu pensava assim, então vocês não viram nada ainda. Agora é que a coisa vai começar.

Já em outro momento do filme, Ney afirmara gostar de ser homem mas que não poderia ficar restrito...



Se a vida fantasmática é que nos determina nos encontros eróticos, todos nós podemos nos viver como insetos, pássaros, pedra mineral, estrelas da madrugada e daí por diante. Ney Matogrosso encarnaria a sexualidade de todos nós. E, no encontro amoroso desejante, sempre transgrediríamos os limites impostos por uma cultura que nos quer ou homens ou mulheres.

Em entrevista à *Revista Cult* (2010/12), Eduardo Viveiros de Castro, diante da pergunta sobre o que seria o humano, afirma: “Antes, tudo era transparente a tudo, os futuros animais e os futuros humanos, vamos chamar assim, se entendiam, todos se banhavam num mesmo universo de comunicabilidade recíproca”. A seguir, Viveiros de Castro fala de uma entrevista de Lévi-Strauss ao responder à pergunta sobre o que seria um mito. Cito Viveiros de Castro: “Lévi-Strauss responde: “Bom, se você perguntasse a um índio das Américas, é provável que ele respondesse: ‘Um mito é uma história do tempo em que os animais falavam’”. Viveiros de Castro corajosamente afirma que “a condição original comum aos humanos e animais não é a animalidade, mas a humanidade”. Ou seja, “os animais são ex-humanos, e não os humanos ex-animais”. Para o pensamento, “tendo outrora sido humanos, os animais e outros seres do cosmo continuam a ser humanos, mesmo que de modo não evidente”.

Parece que Ney Matogrosso resgata tudo isso em seu modo de pensar a sexualidade. Virar planta, virar osso, virar réptil, virar o cosmos. E virar o cosmos de cabeça pra baixo. E não ser nem homem nem mulher e ser o que for....

No desejo, se esfumam os limites entre o humano e inumano. A fala desfala e desfalece.

Doces ais, gritos,
árias, cantares, juras
ouço das aves que pelo ar afora
voam aos pares como qualquer homem
enamorado faz à amiga que ama.
Mas eu, ante a mais bela a que me rendo,
devo cantar de amor maior em obra
sem fala falsa ou rima de costume.
(Daniel/Campos, p. 105)

No amor, a rima surpreende, rompe padrões estabelecidos. O “sexo-animal” surge em todos nós, seres desejantes.

Pele e/ou roupa e/ou gênero



Nas transformações do corpo movidas pelo desejo, algo disso tudo se concretiza. Voltando a Joca Terron, em seu perturbador romance: “A diferença entre a atriz e o transexual é que a primeira dorme a cada noite despida da roupa dos seus personagens, enquanto o transexual, ao contrário, transforma em sua própria a pele daquilo que interpreta”. (TERRON, 2010, p. 111)

É interessante que Joca Terron apele para o teatro buscando entender o que vive um(a) transexual. Seu livro é a história de dois irmãos gêmeos que se reencontram no Cairo. Um deles tem como modelo Cleópatra, por isso o Cairo. Wilson se transforma em Cléo e William, sempre alcoolizado, busca Wilson que virou Cléo. Os cheiros do Cairo, a poeira do deserto, o burburinho incessante, o mercado que invade as calçadas todas, tudo isso vai produzindo em nós, leitores, um atordoamento que tem a ver com a perda dos parâmetros identitários que nos constituem. A construção do romance vai no sentido de um questionamento da urbes, da polis, da designação. Parece que Terron sabe do que afirma Thamy Ayouch:

A diferença entre os sexos age como princípio de um pensamento identitário, subordinando a sexualidade a uma sexuação imutável. Porém, na sua teorização tanto como na sua prática, a psicanálise pretende des-construir esta lógica identitária, dando ênfase a uma lógica da psique exatamente oposta. A identidade, categoria da metafísica clássica, remete ao caráter do que permanece: designa aquilo que fica idêntico a si mesmo no tempo. Os efeitos do inconsciente quebram esta ideia de uma ipseidade oriunda da continuidade da consciência no tempo. Contra a identidade, a plasticidade psíquica, numa abordagem psicanalítica, se inscreve em movimentos identificatórios. A identificação é sempre temporária e mutável: é definida por uma situação no tempo, uma história, uma finitude e uma atribuição vinda do outro. (...) Em termos metapsicológicos, quando se coloca a ênfase sobre a multiplicidade psíquica e as camadas de conflitos, sobre a pulsão e a dinâmica psíquica, não faz nenhum sentido falar em termos de categorias unificadas e enrijecidas de masculinidade e feminilidade e de diferença binária entre os sexos. (AYOUCHE, 2014, p. 69)

Explicitando o lúdico das multiplicidades nas infinitas montagens possíveis:

Uma rata
fora de sua toca
vê uma rosa desabrochada
cheira as pétalas
e logo se safa.
Ó puf!, grita:
Que medo azul
uma rata vermelha que não tem cauda

(Do *bessarabiano* Eliézer Steinbarg (1880-1932), apud GUINSBURG, 1996, p 410).



Em *A interpretação dos sonhos* (1900), no capítulo *Psicologia dos processos oníricos*, quando procura entender o que move as pessoas quando esquecem seus sonhos, Freud nos dá o exemplo de um fragmento suprimido de um sonho seu e que, ao ser lembrado, levou a uma nova interpretação. O fragmento é o seguinte: “Referindo-me a um livro de Schiller, dito 'It is from...', mas dando-me conta de meu erro, retifico imediatamente 'It is by...’” O jovem comenta então com seu irmão: “Ele o disse bem”. Esse fragmento é relacionado por Freud com a lembrança de um evento que ocorrera quando tinha 19 anos, durante sua primeira viagem a Inglaterra. Estava à beira mar, “dedicado à pesca dos animais marinhos que a maré ia deixando...” quando, no momento em que pegava uma estrela do mar, ouviu uma menina que se aproximara perguntar: “Is it a starfish? Is it alive?” Freud respondeu: “Yes, he is alive”. Imediatamente percebeu seu erro, corrigindo-se. (FREUD, 1900/1975, p. 513)

No sonho, seu erro gramatical fora usar do pronome *from* no lugar de *by*. Freud justifica essa substituição pela similitudência da palavra *from* com o adjetivo alemão *from* (piedoso). Ou seja, ocorrera no sonho uma condensação, em uma só palavra, de sentidos diferentes. Freud conclui: o sonho demonstra, “com um exemplo de caráter completamente inofensivo que coloco o artigo - ou seja, o sexual - em um lugar indevido (Geschlechtswort, artigo significa, literalmente, 'palavra de gênero ou de sexo', 'das Geschlechliche' = o sexual)”.

Nesse exemplo de Freud, o mineral, o sexual, e o animal se condensam e a fala se torna um corpo, a palavra se concretiza como coisa, remetendo apenas a si mesma, deixando de ser indício de uma outra realidade. A fala se torna poética. Uma rosa vermelha pode ser um rato sem rabo. Uma questão de gênero gramatical pode ser um membro seja lá de que ordem for. Criam-se obras, movem-se subjetividades. Freud, já antes dos *Três ensaios sobre a sexualidade* (1905), subverte a noção de gênero. O objeto da pulsão não é pré-determinado e qualquer pedaço de corpo é erotizável. O corpo erógeno subverte o corpo anatômico.

A força do teatro

A Cia Livre de Teatro, em 2015, encenou *Maria que virou Jonas ou A força da imaginação*. Trata-se de um trecho do Diário de Viagem de Montaigne, de 1580, para, ludicamente, questionar a noção de gênero:

De passagem por Virtry-le-François, foi-me dado ver um rapaz a quem o bispo de Soissons dera o nome de Germain na confirmação, e que todos os habitantes do lugar haviam tratado por Maria,



como mulher, até a idade de vinte e dois anos. Quando o conheci era já velho, muito barbudo e não se casara. Explicou-me que, em conseqüência de esforço feito para saltar, ocorrera o aparecimento de seus órgãos viris. É ainda de uso na região cantarem as moças uma canção em que se recomenda não fazerem grandes exercícios para não lhes acontecer tornarem-se rapazes como Maria-Germano (MONTAIGNE, 1987).

Na peça, depois que seu companheiro relata essa história contada por um professor, Ela pula uma poça de água e começa a virar homem. E passa a ser Ela, Ele.

A força da imaginação vai levando a mudanças concretas no corpo. Em Marie que virou Germain e nos personagens da peça. Marie ganha um pênis.

João W. Nery, primeiro trans-homem no Brasil, afirma no documentário *De gravata e unha vermelha* (Chnaiderman, 2014): “Eu não fiz essa cirurgia (para ter o pênis) eu não tenho pênis, eu não acho que é o pênis que faz um homem, assim como não é a vagina que faz a mulher, assim como não é o corpo que determina o gênero”.

Eis aqui a reflexão que fiz a propósito dessa demanda do Cia Livre (Chnaiderman, 2015):

A situação proposta por Montaigne e pela Cia Livre de Teatro é a da força da imaginação. Não está aí colocado o paradigma do que vai constituir o teatro? Octave Mannoni, no seu texto “A ilusão cômica ou o teatro do ponto de vista do imaginário” (1969), nos mostra como o palco sempre se dá como um outro lugar, diferente daquele que é realmente, ou seja, sempre cria uma perspectiva do imaginário. Mannoni nos fala da importância da ilusão para que o teatro possa existir.

Em “Maria que virou Jonas” o jogo está nisso: ao pular a poça Maria ganha um pênis ou, influenciada pela história que ouvira, sua imaginação faz com se sinta tendo um pênis? É a própria linguagem teatral que fica em questão. A linguagem teatral e a sexualidade pois, não é possível viver plenamente o desejo sem a fantasia e sem a transgressão do que é anatomicamente dado. Há um imbricamento que brinca e grita entre sexualidade e teatro.

Em Montaigne, o bispo re-batiza Marie e a lhe dá o nome de Germain. O binarismo de gênero triunfa. O hermafroditismo, que explicita a multiplicidade de possíveis, é assustador. Negação da diferença, concretização da fantasia da não-falta. Na peça, a indefinição marca o jogo. Ela, Ele e Ele, Ela. Redescobrir permanente que torna o sexo um lindo jogo onde mil combinações são possíveis. (CHNAIDERMAN, 2015, pp 45-46).

Alguma luz surge na compreensão das novas sexualidades que são sempre as nossas sexualidades. O que há de teatral na construção das novas sexualidades?



Sexualidade, performance e performatividade

Há algo nessas novas sexualidades que passa pela performance, embora não se reduza a ela. O ritual do vestir-se, a unha pintada, a maquiagem, o tênis com ossinhos de borracha. Fica escancarado um corpo que é encenado, teatralizado e construído. É sempre preciso encarnar um personagem. Montar-se, enfeitar-se e sair para a rua, para a “balada”, para a busca de um parceiro. Como um ator que se monta.

A noção de performance na arte contemporânea parece vir dar concretude a essa concepção do teatro e da representação. O momento de criação passa a ser valorizado, há um deslocamento da obra para o criador (MATUCK, 2013). O corpo passa a ser o suporte artístico, tudo isso radicalizado na body art.

Renato Cohen (2013, p. 38) liga a *performance a living art: a live art* é a arte ao vivo e também a arte viva. A arte deixa de ser mera questão estética, passando a ser vivida. Na importância das roupas, algo do encarnar um personagem acontece. Encarnar e não representar. Stanislavski diferenciava a arte representacional da verdadeira arte. A roupa deixa de ser véu, aparência. Fica em questão qualquer mais-além que fundaria a relação simbólica. Não é mais possível seguir Lacan e pensar que no véu há sempre uma mais além. A semiótica passa a ocupar o lugar da semiologia e a noção de sentido substitui e a de significação.

Derrida, no seu trabalho sobre Artaud (1971), vai se deter na análise do conceito de representação. Sobre o teatro da crueldade (1971) afirma Derrida: “A representação cruel deve investir-me. E a não-representação significa também desdobramento de um volume, de um meio em várias dimensões, experiência produtora do seu próprio espaço” (p.157). Em outro ensaio, na análise que faz de Mallarmé (1972), ao refletir sobre a mímica, afirma: “não ilustrando nada fora de si mesma, fala ou ato, não ilustra nada” (p. 236). Para Derrida, a partir de Mallarmé, passa a haver uma equivalência entre o teatro e a ideia, o que quer dizer que o que aí se efetua é a visibilidade do visível.

Não é sobre a visibilidade do visível que estamos falando? Uma presença muitas vezes insuportável na ruptura com o representacional. O corpo passa a ser pura presença.

Resgatando o mito: a festa vegetal



É bastante impactante o trabalho de Monique Schneider em seu livro *Genealogie du masculin* (2006), no qual desconstrói o binarismo de gênero. Esse texto também é retomado por Thamy Ayouch no artigo acima citado. Schneider aponta para as dicotomias, tão caras a Freud, e o “fosso que o pensamento deveria cruzar entre o espírito, que tem um papel de emancipação ou de elevação, e a vida, suspeita de manter relações estreitas com o reino natural” (p. 160).

Schneider retoma Ferenczi, que faz equivaler a ereção ao parto, buscando entender o que representa para o homem o surgimento da glândula. Para Schneider, haveria sempre metamorfoses feminilizantes nas aventuras masculinas. “A emergência do sexo religa, a seu modo, a germinação viva e o nascimento”. Quando a ideologia ascensional sacraliza o corte entre o mundo da vida e o acesso ao “espírito, uma outra celebração aparece: a emergência vinda no corpo masculino se insere no lar de turbulência vital que preside as metamorfoses, Mito arcaico de Demeter e a festa vegetal”. (p. 171)

Demeter, a deusa maternal da Terra. Deusa da fecundidade. A ordem da cultura e a ordem da natureza se encontram na festa vegetal. Os animais se humanizam e falam. Passa a ser possível um rato azul.

Não por acaso Nathalie Zatzman inicia seu ensaio *Do sexo oposto* com uma referência ao reino vegetal:

- “Caro especialista” – escreve um jardineiro amador em uma revista de botânica -, “o *Ruscusaculeatus* que cresce em meu jardim nunca produziu bagas vermelhas. Ignoro, portanto, se se trata de um pé macho ou fêmea. Será que você poderia me ajudar a resolver o problema?”

- “ Fizemos uma pesquisa junto a horticultores para saber como esses vegetais se diferenciam. Parece que os produtores nunca se preocuparam com o sexo dessas plantas. O mesmo acontece com a maioria das espécies dióicas (planta com flor unissexuada na qual as flores machos e as flores fêmeas situam-se em dois planos distintos). Considera-se que são decorativas por sua folhagem. Sugerimo-lhe, *para determinar o sexo* de seu *Ruscus*, plantá-lo próximo a outros *Ruscus*, escolhido ao acaso em um viveiro. Como ocorre com várias outras árvores dioicas, *somente a presença de uma outra planta poderá revelar seus respectivos sexos*, por sua floração, se forem do mesmo sexo, pela frutificação, se forem de sexos opostos.” (ZATZMANN, 1999, p. 89)

Há uma impossibilidade de autodeterminação sexual. Mesmo no reino vegetal a designação vem de um outro, como tão bem nos ensinou Laplanche (2015). *A alteridade é uma condição necessária e prévia à identidade*. O botânico pode concluir que é da relação sexuada de duas



plantas que nasce sua identidade respectiva. Resgatar a festa vegetal nos faz parte de um mundo cósmico onde o mítico nos ensina que somos apenas pequenas partículas de infinitudes espiraladas.

Referências

- AYOUCHE, T. A diferença entre os sexos na teoria psicanalítica. *Revista Brasileira de Psicanálise*, Volume 48, n. 4, 2014, pp 58-70.
- CAMPOS, A., *Mais Provençais*: Raimbaut e Arnaut. São Paulo: Companhia das Letras, SP, 1987.
- CASTRO, E. V. Antropologia renovada. *Revista CULT*, disponível em <http://revistacult.uol.com.br/home/2010/12/antropologia-renovada/>
- CHNAIDERMAN, M. *De gravata e unha vermelha*, 86 min. FullHD, 2014
- CHNAIDERMAN, M. Mil corpos, mil sexos, movimentos do desejo na cena. In: Romano, Lúcia Regina Vieira (Org.) *Maria que Virou Jonas, ou a Força da Imaginação* (Coleção Nóz - Caderno Livre). São Paulo: Cia Livre da Cooperativa Paulista de Teatro, 2015. p. 43-46.
- COHEN, R. *Performance como linguagem*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2013.
- COSSI, R. K. *Corpo em obra*. São Paulo: nVersos, 2011.
- DERRIDA, J. O teatro da crueldade e o fechamento da representação. In: *A escritura e a diferença*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1971, pp 149-178.
- DERRIDA, J. La double séance. In *Dissémination*. Paris: Aux Éditions du Seuil, 1972, pp 199-318.
- FREUD, S. O esquecimento dos sonhos. In: A interpretação dos sonhos. *Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu, Vol VI, 1975, pp 507-527.
- GUINSBURG, J. *Aventuras de uma língua errante*. São Paulo: Perspectiva, 1996.
- LAPLANCHE, J. O gênero, o sexo, o sexual. In: *Sexual, a sexualidade ampliada no sentido freudiano, 200-2008*. Porto Alegre/São Paulo: Dublinense, 2015, pp 154-190.
- MANNONI, O. L'illusion comique ou le theater du point de vue de l'imaginaire. In *Clefs pour l'imaginaires ou l'autre scène*. Paris: Seuil, 1969.
- MATUCK, A. Prefácio. In: COHEN, R. *Performance como linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 2013, pp 15-17.
- SCHNEIDER, M. *Généalogie du masculin*. Paris: Champs Flammarion, 2006,.
- TERRON, J. R. *Do fundo do poço se vê a lua*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- ZALTZMAN, N. Do sexo oposto. In: CECARELLI, P.R (org). *Diferenças sexuais*. São Paulo: Escuta, 1999, pp 89-120.

